

DA EXPECTATIVA FREMENTE À DECEPÇÃO AMARGA: O BRASIL E A COPA DO MUNDO DE 1950*

Fábio Franzini

Doutor em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e professor do curso de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo

Resumo

Este artigo apresenta e discute um momento crucial da história do futebol brasileiro: a Copa do Mundo de 1950. Da escolha do Brasil como sede da competição à derrota da seleção nacional para o Uruguai no Maracanã, a análise pretende demonstrar como o país então se envolveu profundamente com o futebol e projetou a sua própria consagração no sucesso da equipe, consagração essa frustrada pela perda do título mundial.

Palavras-chave

Copa do Mundo • futebol e sociedade • futebol e nacionalismo.

Correspondência

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo
Estrada do Caminho Velho, 333
07252-312 – Bairro dos Pimentas – Guarulhos – SP.
E-mail: ffranzini@unifesp.br

* Este artigo é uma versão atualizada do quarto capítulo de minha dissertação de mestrado em História Social, *As raízes do país do futebol*: Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950), orientada pelo prof. Nicolau Sevcenko, com apoio da Fapesp, e defendida na FFLCH/USP em 2000.

FROM THE QUIVERING EXPECTATION TO THE BITTER DISAPPOINTMENT: BRAZIL AND THE 1950 FIFA WORLD CUP*

Fábio Franzini

Ph.D. in Social History, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas of the Universidade de São Paulo, and Professor of History at Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo

Abstract

This article presents and discusses a crucial moment of the history of Brazilian football: the 1950 Fifa World Cup. Starting at the choice of Brazil as a host and coming to the national team's defeat to Uruguay at Maracanã, it seeks to show how deeply the country became involved with football and designed his own consecration in the team's success – a consecration that it would be frustrated by the loss of the championship.

Keywords

World Cup • football and society • football and nationalism.

Contact

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo
Estrada do Caminho Velho, 333
07252-312 – Bairro dos Pimentas – Guarulhos – SP
E-mail: ffranzini@unifesp.br

* This article is an updated version of the fourth chapter of my dissertation *As raízes do país do futebol: Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)* [The roots of football country: Study on the relationship between football and Brazilian nationality (1919-1950)], supervised by Prof. Nicolau Sevcenko, supported by FAPESP and presented to FFLCH/USP in 2000.

Ao professor István Jancsó, *in memoriam*.

“Senhores, está aí o Campeonato Mundial de Futebol.

Em nossa casa. Em nossos campos. Em gramados verdinhos da nação brasileira. Mas, principalmente, em nosso orgulho de organizadores”.

A Gazeta Esportiva, 1950.

“Chamam o jogo contra o Uruguai de tragédia.

A palavra certa é acidente”.

Ademir Menezes, 1986.

“O Brasil não suporta ser vice-campeão”.

Jair da Rosa Pinto, 1986.

O ano de 1950 começou marcado por uma grande expectativa em todo o Brasil. Em seis meses, o país estaria no centro das atenções de boa parte do mundo, por sediar o IV Campeonato Mundial de Futebol da Fifa. Na prática, porém, a competição havia começado muito antes para os brasileiros. Logo em 1938, durante o Congresso da Fifa que se realizava em Paris em conjunto com a terceira Copa do Mundo, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) lançou oficialmente o nome do país como candidato a sediar o próximo torneio, dali a quatro anos. Como a Alemanha nazista também tinha a mesma pretensão – certamente desejando transformar o evento em mais uma vitrina da suposta superioridade ariana, a exemplo do que fizera com os Jogos Olímpicos de 1936, disputados em Berlim –, a disputa pela sede não seria fácil. Afinal, além de seu poder político, os alemães tinham a seu favor toda a infraestrutura necessária para acolher uma competição esportiva de tamanho porte. A Comissão Executiva da Fifa, no entanto, preferiu adiar sua decisão para 1940, adiamento que acabou se prolongando por muito mais que dois anos devido à eclosão da guerra na Europa.¹

Ainda que a bola não deixasse de rolar entre 1939 e 1945, durante esse período o futuro da Copa do Mundo, bem como o do próprio mundo, foi marcado pela incerteza. Somente em julho de 1946 é que os representantes do futebol internacio-

¹ N/a. Onde será realizado o Campeonato Mundial. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 06/06/1938, p. 13. É importante notar aqui que a bibliografia apresenta uma divergência factual a respeito dessa decisão da Fifa: Perdigão e Murray deixam implícita a escolha da Alemanha, mas Mason afirma categoricamente que o Congresso de 1938 decidiu pelo Brasil como sede da Copa de 1942. Cf. PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*: 16 de julho de 1950, Uruguai 2 x Brasil 1. Porto Alegre: L&PM, 1986, p. 44; MURRAY, Bill. *The World's game: A history of soccer*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1996, p. 78 (tradução brasileira: *Uma história do futebol*. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 2000); MASON, Tony. *Passion of the people? Football in South América*. London and New York: Verso, 1995, p. 44.

nal voltaram a se reunir em um Congresso, dessa vez realizado em Luxemburgo. Na pauta dos três dias do encontro, a retomada da competição e a antiga e reiterada proposta do Brasil de realizá-la em seu território, proposta que, além de contar com o apoio das demais delegações sul-americanas, não teria mais de enfrentar a concorrência da Alemanha, abalada pela guerra e ameaçada de ser eliminada dos quadros da Fifa. Apresentada logo no primeiro dia dos trabalhos, a moção foi tranquilamente aprovada pela “unanimidade de votos dos delegados presentes”,² para grande alegria do chefe da delegação brasileira, o ex-presidente da CBD, Luís Aranha, que, em entrevista a um jornal francês, declarou então que “esse será o mais belo e o mais brilhante campeonato mundial de futebol que se realizará”.³

Talvez por ter sido tão tranquila, a escolha do Brasil como sede da primeira Copa do pós-guerra geralmente é explicada pela ideia de que os países europeus, recém-saídos de mais uma tragédia bélica, “não tinham condições” de promover o maior evento do futebol mundial no final da década de 1940. Curiosamente, tal argumento começou a tomar forma antes mesmo do fim do conflito, logo, muito antes da nova reunião da Comissão Executiva da Fifa se tornar uma possibilidade concreta. Sua primeira idealização talvez date de fevereiro de 1945, quando o jornalista Thomaz Mazzoni afirmou que a oficialização do apoio das federações de futebol da América do Sul à candidatura brasileira significava “metade do caminho percorrido para o campeonato mundial se realizar em nosso país, ajudado aliás pelo fato de não ser aconselhável se realizar na Europa em países devastados e sofrendo as terríveis consequências da guerra”.⁴

As “consequências da guerra” não impediram, entretanto, que as Olimpíadas de 1948 se realizassem em Londres, nem que a Suíça manifestasse, já no Congresso de Luxemburgo, seu desejo de também sediar uma Copa do Mundo. A postura dos suíços chegou inclusive a causar certa apreensão entre os dirigentes brasileiros, que temiam que as respectivas propostas coincidissem e, o que seria pior, colidissem.⁵ Como bem nota o jornalista Orlando Duarte, “a Suíça sofreu pouco com a guerra; ficou neutra, tinha sua economia intacta; estádios bons que seriam ampliados proporcionando uma competição sem deslocamento” – van-

² N/a. A taça do mundo será disputada no Brasil, em 1949. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 26/07/1946, p. 6.

³ N/a. O próximo Campeonato Mundial de Futebol. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 04/08/1946, p. 11.

⁴ OLIMPICUS [Thomaz Mazzoni]. O Brasil e a próxima Taça do Mundo. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 08/02/1945, p. 5.

⁵ N/a. Congresso de Futebol em Luxemburgo. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 20/07/1946, p. 8.

tagens que, como seria de se esperar, fariam com que o país promovesse a Copa logo depois do Brasil, em 1954.⁶

Em contrapartida, a ascensão do futebol uruguaio, argentino e brasileiro durante as décadas de 1920 e 1930 abalou a hegemonia europeia no *football association*, começando a desequilibrar a balança do poder futebolístico na direção da América do Sul. Atento a isso, o presidente da Fifa, o francês Jules Rimet, dignou-se a fazer uma visita ao continente em 1939, com vistas a amenizar os descontentamentos com o criticado eurocentrismo da entidade e assim manter unida “a grande família do futebol”.⁷ Anos depois, outra das resoluções tomadas em Luxemburgo foi adotar o espanhol como um dos três idiomas oficiais do mundo do futebol, acatando a proposta apresentada pelos delegados sul-americanos. Refletindo a nova ordem dos gramados, o alemão perdeu seu lugar junto ao inglês e ao francês.⁸

Esse quadro permite afirmar que a opção da Fifa pelo Brasil tenha se dado mais pelas mudanças que vinham ocorrendo na geopolítica da bola já havia algum tempo que necessariamente em função de vicissitudes materiais da Europa apenas. Mesmo porque, uma vez conseguido o direito de sediar a Copa, nosso país também teria de enfrentar o problema da infraestrutura. Em artigo publicado no semanário paulista *Mundo Esportivo*, o presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND) à época, João Lyra Filho, afirmava que a decisão da Fifa coroava “hábeis e constantes trabalhos dos desportistas brasileiros”, devendo ser vista como um prêmio para a evolução técnica dos atletas e uma recompensa para os dirigentes, que se revelaram à altura dos “altos interesses patrióticos”. Mas, só comemorar não bastava:

⁶ DUARTE, Orlando. *Todas as Copas do Mundo*. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 1994, p. 91. No entanto, antes de falar da Suíça, o mesmo autor afirma em seu livro que “por motivos óbvios, nenhum país europeu quis sediar a IV Copa do Mundo. Só o Brasil era candidato e, lógico, ganhou o direito”. *Idem*, p. 71. Longe de pretender desqualificar o valioso trabalho de Orlando Duarte, esta observação apenas ressalta como o referido “senso comum” estabelecido acerca da escolha do Brasil como sede da Copa não é inquestionável.

⁷ MURRAY, Bill. *op. cit.*, p. 78. Cf. também MASON, Tony, *op. cit.*, p. 44. Demonstrando como os europeus tinham consciência dessa ascensão sul-americana, em 1950, o jornalista francês Bernard Roll escreveu que “após dois sucessos retumbantes dos futebolistas uruguaiois, nos Jogos Olímpicos de 1924 em Paris, 3 a 0 sobre os suíços, e nos de Amsterdã em 1928, 2 a 1 sobre a Argentina, que revelaram ao público europeu o grande valor individual e coletivo do *soccer* da América do Sul, as fronteiras caíram, uma por uma, no mundo do futebol”. ROLL, Bernard. O Brasil continuará a tradição?. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 29/05/1950, p. 12.

⁸ N/a. Congresso de Futebol em Luxemburgo. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 20/07/1946, p. 8. Cf. também N/a. A taça do mundo será disputada no Brasil, em 1949. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 26/07/1946, p. 6.

Entretanto, maior que o júbilo, a responsabilidade! Faz-se mister comunhão, agora mais geral e mais fervorosa. Nunca se fez tão preciosa a unidade desportiva do Brasil. Nunca maiores expectativas nutriram a presença do atleta brasileiro, nem maiores alvoroços povoam a atenção do desportista nacional. Pensarão conosco os homens públicos, os governantes, as autoridades do poder? O senso do dever acudirá, na conjuntura tão excepcionalmente aberta, a atividade dos desportos deste país? Teremos praças, finanças, política, interesses, assistência, diplomacia, teremos meios, em suma, para realizar a empresa? Desgraçadamente, a alegria do povo nunca mereceu atenção preferencial, na ordem política dos programas de governo. Antes do estádio, o sanatório; em vez de cultivar-se o humor, sufoca-se a tristeza do povo. [...] Será uma humilhação se tivermos de recorrer ao suprimento da Argentina, rogando que ela nos ceda, por empréstimo, algumas de suas praças de desportos, para que o Brasil possa honrar o compromisso assumido perante o mundo! Será que seremos levados ao extremo de abrigar o coração dos desportistas fora das lindes da Pátria? A alegria popular necessita tanto de estádios como a fome do povo reclama o pão!⁹

Ao cobrar uma participação efetiva do poder público em nome da “unidade desportiva do Brasil”, o presidente do CND reedita o discurso nacionalista típico dos tempos do Estado Novo, tomando uma questão cultural, a “alegria do povo”, como uma questão política. E não o faz de modo gratuito, nem está propondo uma política de pão e circo, como pode sugerir a última frase de seu texto. Lyra Filho tinha consciência de que estava em questão algo muito mais amplo que um simples acontecimento esportivo. Por meio do futebol, o Brasil tinha uma oportunidade valiosa de se apresentar para o mundo como uma grande nação dentro e fora dos gramados. Tanto era assim que, como se pode perceber, o debate que se abriu naquele momento não girava em torno de vencer a Copa do Mundo, e sim de recebê-la adequadamente. E, segundo informava o jornal *O Estado de S.Paulo*, esse debate envolvia altas autoridades da República:

Importante reunião realizou-se ontem na sede do Flamengo, por iniciativa do sr. Hilton Santos. Dirigiu os trabalhos o chefe da Casa Civil da Presidência da República, tomando parte na mesa os presidentes da Confederação Brasileira de Esportes [sic], da Federação Metropolitana de Futebol e da Confederação Brasileira de Pugilismo e um representante da crônica esportiva. O assunto tratado foi a construção de estádios em todo o Brasil. Foi lido ao microfone, pelo locutor Gagliano Neto, o plano elaborado pelo sr. Hilton Santos, visando a imediata construção de grandes estádios no Rio, em Porto Alegre, em Salvador e em Recife, em face do próximo campeonato mundial de futebol. [...] Em face de opiniões divergentes, o sr. Gabriel Monteiro da Silva se prontificou a levar o plano, sob a forma de

⁹ LIRA FILHO, João. Advertência. *Mundo Esportivo*. São Paulo, 30/08/1946, p. 8.

memorial, pessoalmente, ao presidente da República, inclusive encaminhando as opiniões dos clubes e da imprensa.¹⁰

Não se sabe se o chefe da Casa Civil chegou a encaminhar tal “plano” que, de acordo com a mesma matéria, previa a abertura pelo governo de um crédito de 300 milhões de cruzeiros para as obras. O momento, porém, propiciou a retomada de uma ideia que remontava ao final da década de 1930:¹¹ erguer um grandioso estádio na capital da República, um estádio que, estando à altura da magnitude do evento, fosse o cartão de visitas do progresso esportivo da pátria. Não se furtando à responsabilidade clamada por João Lyra Filho, em 1947, o recém-nomeado prefeito do Distrito Federal, general Ângelo Mendes de Moraes, enviou uma mensagem à Câmara Municipal pedindo autorização para a construção dessa praça de esportes no terreno anteriormente ocupado pelo Derby Club no bairro do Maracanã, zona norte da cidade. O local era o mesmo que havia sido definido ainda no governo Vargas, assim como o projeto dos arquitetos Pedro Paulo Bastos e Antonio Dias Carneiro, vencedores do concurso nacional promovido pelo Ministério da Educação e Saúde em 1941. O estádio, todavia, não mais seria “nacional”, como se idealizara no Estado Novo, e sim “municipal”, o que significava que a prefeitura teria de arcar com os altos custos que envolveriam a construção de tamanho empreendimento.

De acordo com Sérgio Cabral, o pedido do prefeito agitou o plenário da Câmara e dividiu bancadas, principalmente a da União Democrática Nacional (UDN), da qual saíram tanto o principal defensor da obra, o radialista e compositor Ari Barroso, quanto o grande opositor, Carlos Lacerda. Ari defendia a prioridade imediata do estádio sobre a construção de novos hospitais, argumentando que o povo preferia frequentar os campos aos leitos hospitalares, numa visão muito próxima à da expressa pelo seu amigo Lyra Filho; ao mesmo tempo, articula-

¹⁰ N/a. Projeto de construção de estádio em vários estados. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 04/08/1946, p. 11.

¹¹ As primeiras discussões oficiais acerca da construção de um grande estádio “nacional” de padrões olímpicos no Rio de Janeiro aparecem em 1939, envolvendo setores tanto da administração do Distrito Federal quanto do Ministério da Educação e Saúde, entre eles o próprio ministro Gustavo Capanema. Em 1941, o Ministério chegou a promover um concurso para escolher o melhor projeto arquitetônico para sua construção, que se realizaria no Derby Club – praticamente o mesmo lugar onde, anos mais tarde, se ergueria o Maracanã. Não foi o bastante, porém: pendências relativas à compra do terreno do Derby pelo Ministério e uma polêmica em torno do processo de escolha do projeto vitorioso, apresentado pelos arquitetos cariocas Pedro Paulo Bastos e Antonio Dias Carneiro, fizeram com que o tão desejado estádio não saísse do papel. Cf. FRANZINI, Fábio. *As raízes do país do futebol*: Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). Dissertação de Mestrado em História Social, FFLCH-USP, 2000, capítulo 3.

va o apoio dos vereadores comunistas ao projeto, que acabariam funcionando como o fiel da balança nas votações. Lacerda, por sua vez, apontava um caráter fascista nas intenções do prefeito, a quem acusava de pretender erguer uma obra monumental “nos moldes da Itália de Mussolini e da Alemanha de Hitler”; além disso, questionava a saúde financeira da administração, a ponto de convocar ao plenário o secretário de Finanças da prefeitura para explicações sobre o caixa do município. Detalhe interessante: esse secretário era, coincidência ou não, o próprio presidente do CND, João Lyra Filho, cujo interesse na obra era mais que óbvio.¹²

Em meio às batalhas verbais, a Câmara acatou uma sugestão de Ari Barroso e solicitou ao Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) uma consulta à população da cidade para apurar como ela se posicionava a respeito do estádio. Realizada em agosto de 1947, a pesquisa (que Sérgio Cabral diz ter sido financiada pelos bolsos de Ari e, novamente, João Lyra Filho)¹³ teve quatro objetivos: analisar o grau de interesse da população pelo futebol; estudar a opinião do público em relação à conveniência ou não da construção de um estádio para a cidade; verificar qual a opinião do público quanto às duas localizações propostas para o mesmo, Derby Club ou Jacarepaguá; e, finalmente, verificar se a população estaria disposta a arcar com algum ônus para a realização dessa obra. A pesquisa foi dividida em duas etapas, “consultando, na primeira, o público em geral (miniatura da população, incluindo também aqueles que não se interessam pelo esporte) e, na segunda, os aficionados, cuja opinião deveria pesar mais fortemente, por serem o grupo especificamente interessado no assunto”.¹⁴

Após consultar 580 pessoas na primeira etapa e 500 na segunda, o Ibope apontou que o futebol era a diversão predileta de 29,2% do público carioca em geral, enquanto 30,5% dele preferia o cinema. Um empate técnico muito significativo, pois revelava o sucesso estrondoso de duas manifestações culturais estrangeiras que aqui se aclimataram e aqui foram reelaboradas, originando um estilo brasileiro tanto nos gramados – uma forma de jogar que mais tarde seria chamada de “futebol-arte” – quanto nas telas – a “chanchada”. Para os interesses então em jogo, os percentuais mais importantes da pesquisa eram outros: 79,2% dos cariocas achavam necessária a construção do estádio municipal, 56,8% jul-

¹² CABRAL, Sérgio. *No tempo de Ari Barroso*. Rio de Janeiro: Lumiar, s/d, p. 250-2.

¹³ Idem, p. 251.

¹⁴ IBOPE. Pesquisa de opinião pública levada a efeito pelo Ibope, nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 1947, no Distrito Federal, com o objetivo [de] estudar a localização do estádio da cidade, por iniciativa do vereador Ary Barroso, para a Câmara de Vereadores do Distrito Federal. Arquivo Edgard Leuenroth – Unicamp. Acervo Ibope, volume Ibope – *Pesquisas Especiais* – 1947, vol. 2-6, pesquisa 05, p. 02 (grifos do original).

gavam que sua localização deveria ser mesmo no Derby e 53,6% dispunham-se “a cooperar na medida de seus recursos” para a execução da obra.¹⁵

Mesmo com os números desse enorme apoio popular em mãos, as divergências e insatisfações dos políticos persistiam, para inconformidade da *Gazeta Esportiva*, que também fornece uma ideia da atenção que a imprensa em geral então dedicava à proposta do prefeito carioca:

É fora de dúvida que o tema mais em evidência no futebol brasileiro nestas últimas semanas é o do estádio do Rio de Janeiro. Toneladas de papel têm sido gastas pelos jornalistas para escrever sobre o assunto e os locutores fizeram do mesmo seu comentário predileto. Afinal, o estádio não é fácil... Ao contrário, graças à obstrução de vários deputados federais e vereadores cariocas, o estádio para o campeonato do mundo corre o risco de não ser construído... Nega-se a construção de um só estádio para um certame tão importante, que, ao lado do Pacaembu e São Januário, já seria o bastante.¹⁶

Entre setembro e novembro de 1947, o projeto passou por três votações na Câmara do Distrito Federal que registraram todas o mesmo placar: vinte e nove dos cinquenta vereadores (incluindo os dezoito do Partido Comunista, satisfeitos pela inclusão de uma emenda que previa a construção de outros cinco pequenos campos nos subúrbios) foram favoráveis à sua aprovação, dois contra e dezenove se abstiveram. Com três votos a mais que o necessário para se alcançar a maioria absoluta, os vereadores permitiram ao prefeito Mendes de Moraes promulgar, em 14 de novembro do mesmo ano, a lei autorizando a construção do tão sonhado estádio que finalmente saíria do papel.¹⁷

Antes mesmo das obras se iniciarem, logo na primeira semana de 1948, começavam a ser vendidas as trinta mil cadeiras cativas dispostas pelas arquibancadas que teriam a fabulosa capacidade de comportar 155 mil pessoas. Cada uma das cadeiras custava cinco mil cruzeiros e, como constava do texto do projeto aprovado pela Câmara, o dinheiro arrecadado formaria um fundo destinado a cobrir parte das despesas da construção do estádio.¹⁸ Da mesma forma que o “selo pró-Seleção” criado em 1938 pela CBD para angariar fundos para a disputa da Copa do Mundo na França, cujo lema era “auxiliar o *scratch* é dever de todo brasileiro”, a aquisição das cadeiras, mais que uma oportunidade de, literalmente, garantir

¹⁵ Idem, p. 07-08. Todos os percentuais citados referem-se à opinião do público em geral, já que entre os aficionados os números foram, naturalmente, bem maiores: 84,8%; 95%; 85,3% e 77,5%, respectivamente.

¹⁶ N/a. A questão do Estádio monumental do Rio. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 10/10/1947, p. 8.

¹⁷ Cf. CABRAL, Sérgio. op. cit., p. 252; PERDIGÃO, Paulo. op. cit., p. 45.

¹⁸ N/a. Para a “Copa do Mundo”. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 30/08/1947, p. 9.

lugar para a Copa do Mundo, seria uma forma de demonstrar patriotismo. Assim se contribuía para inscrever o Rio de Janeiro e, conseqüentemente, o Brasil no mundo “desenvolvido”, cujo grau de civilização parecia medir-se pelo número de praças esportivas que cada país possuía:

Se há uma campanha que todos os desportistas e cariocas devem incentivar, cobrir do melhor apoio, essa campanha é a da venda das cadeiras cativas. Nela estão empenhados o prefeito e o sr. João Lira Filho, secretário de Finanças e presidente do Conselho Nacional de Desportos, com o mais vivo entusiasmo. Não se trata de uma realização da Prefeitura. É simplesmente humilhante para o Rio e para o Brasil, a sua capital não possuir uma praça de desportos condigna, para os grandes jogos olímpicos e o Campeonato Mundial de Futebol. As grandes metrópoles e cidades de maiores populações possuem estádios. Na última Copa do Mundo, a que assistimos como cronista desportivo, em 1938, presenciamos a inauguração de monumentais estádios em Marselha e Bordeaux. Na Itália, em todas as cidades, há estádios que comportam grandes multidões. Buenos Aires possui nada menos de seis praças de desportos imensas e no Brasil somente contamos com o Pacaembu e Vasco da Gama, sendo que neste último estádio não poderíamos colocar as grandes assistências da Copa do Mundo de 1950.¹⁹

No feriado municipal de 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade, houve a aguardada cerimônia de lançamento da pedra fundamental do estádio. Além do anfitrião Mendes de Moraes, algumas das maiores personalidades do país se fizeram presentes, como o vice-presidente da República, Nereu Ramos, o cardeal dom Jaime Câmara e, claro, o presidente do CND e secretário municipal João Lyra Filho; faltou apenas o proprietário da simbólica cadeira cativa número 1, ninguém menos que o presidente Eurico Gaspar Dutra, mas mesmo ele estava ali representado pelo vice-chefe da Casa Militar da Presidência, comandante Raul Reis. Em seu inevitável discurso, o prefeito afirmou que a construção era “um imperativo que se impunha ao governo municipal”, cabendo iniciá-la rapidamente para que estivesse pronta até junho de 1950, quando começaria a Copa do Mundo.²⁰

As obras, contudo, só foram se iniciar efetivamente meses depois, em agosto, o que tornou dramática uma tarefa que de antemão já se sabia que seria árdua, dado o escasso tempo restante. Era necessário cumprir de qualquer maneira o prazo previsto, para fazer valer a palavra do prefeito que, em última instância,

¹⁹ N/a. As cadeiras cativas. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 08/01/1948, p. 9.

²⁰ N/a. Aniversário de fundação do Rio de Janeiro. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 21/01/1948, p. 16. Cf. também N/a. Estádio para a Copa do Mundo. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 21/01/1948, p. 9.

representava a palavra do povo carioca e, por extensão, brasileiro. Não era permitido sequer pensar em descanso. Segundo Paulo Perdigão, “cerca de 1.500 operários trabalharam com 500 mil sacos de cimento, 10 milhões de quilos de ferro, 3 milhões de tijolos e outro tanto de madeira, pedra e areia, até erguer a maravilha arquitetônica nos terrenos da antiga pista do Derby Club (daí a designação pomposa de ‘Gigante do Derby’, muito usada na época)”.²¹ Às vésperas da data marcada para a inauguração, 16 de junho de 1950, os números da imprensa davam conta de um contingente bem maior de braços que ainda chegou a ser reforçado por novos soldados. Literalmente:

A fim de auxiliar nas obras, quase terminadas, do majestoso Estádio Municipal do Rio de Janeiro, a 1ª Região Militar tomou uma medida que veio mostrar a urgente necessidade de se terminar, o mais depressa possível, a construção do “Colosso do Derby”. Agora, em sua fase final, mesmo com cerca de 5.000 operários trabalhando dia e noite, a grande obra necessita estar terminada até 16 de junho, justamente quando será inaugurada com o encontro entre os “novos” paulistas x cariocas. E, reconhecendo a necessidade imperiosa de ser ainda mais apressada a construção, o general Zenóbio da Costa, comandante da 1ª Região Militar, tem enviado centenas de soldados a fim de colaborarem na construção final da grande obra. Sem dúvida, foi uma valiosa colaboração da 1ª Região Militar, que, com isto, manda novas “tropas” para terminar a “batalha”...²²

Os esforços não foram suficientes para concluir a obra por completo, mas bastaram para que o Estádio Municipal do Rio de Janeiro fosse oficialmente inaugurado na data prevista, a apenas oito dias da abertura do campeonato mundial. *Politicamente* inaugurado, melhor dizendo. Tal como ocorrera na abertura do Pacaembu, dez anos antes, a bola só rolou no dia seguinte aos discursos, quando a seleção paulista de novos bateu a carioca por 3 a 1. E, como os tempos eram outros, desta vez a separação entre política e futebol se dava não pelos pretextos cívico-nacionalistas do Estado Novo e, sim, em função de interesses mais pro-saicos e pessoais, já que 1950 era também um ano de eleições, marcadas para dali a poucos meses, em outubro: o prefeito Ângelo Mendes de Moraes procurava se aproveitar, sozinho, do impacto causado pela grandiosidade do “Colosso do Derby” que chegou, inclusive, a ser informalmente batizado pela imprensa como Estádio Mendes de Moraes.²³

²¹ PERDIGÃO, Paulo, op. cit., p. 45.

²² N/a. Auxílio do Exército ao Estádio. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 01/06/1950, p. 1.

²³ PERDIGÃO, Paulo, op. cit., p. 46. A respeito do uso político do estádio pelo prefeito, Sérgio Cabral diz que “como se não bastassem os discursos, as entrevistas e as fotografias, o prefeito resolveu condecorar várias pessoas com a Medalha Mendes de Moraes, como homenagem pela

Interesses e apropriações políticas à parte, o estádio, mesmo com andaimes, tijolos e vergalhões à mostra, provocou uma “impressão de deslumbramento e espanto” em todos que lá compareceram, imprensa, público e autoridades como, agora sim, o presidente Dutra e Jules Rimet, ainda liderando a Fifa do alto de seus 77 anos.²⁴ Nascia o mais novo monumento nacional. Nas palavras da *Gazeta Esportiva*, “pela sua grandiosidade, pelo arrojo de suas linhas, pela sua formidável área, [o estádio] deixará de ser rapidamente um motivo de alegria exclusiva para o cidadão do Distrito Federal, transformando-se num monumento nacional que nós todos poderemos admirar com um orgulho geral”.²⁵ Isto é, com o orgulho nacionalista de quem levantou o maior estádio do mundo, algo tão enfatizado quanto valorizado pela imprensa então.

No entanto, construir um estádio à altura da Copa do Mundo não foi o único problema que o Brasil teve de driblar durante a organização do evento. Em busca das quatorze vagas disponíveis para a competição (as seleções brasileira, como anfitriã, e italiana, como detentora do título mundial, já estavam automaticamente classificadas), trinta e dois países se inscreveram para a disputa das eliminatórias que se iniciaram em abril de 1949. Alguns, porém, sequer chegaram a entrar em campo, como a Argentina, que desistiu alegando “problemas de relacionamento” com a CBD.²⁶ Já outros renunciaram depois de conquistarem a vaga, caso da

contribuição prestada à realização da obra. Vários vereadores foram condecorados. Ari Barroso seria um dos agraciados, mas não compareceu à cerimônia de entrega das medalhas. Mas foi à tribuna para comentar a homenagem. Começou estranhando a presença do vereador Alencastro Guimarães entre os condecorados, pois foi ele um dos que alinharam com Carlos Lacerda na defesa da transferência da obra para Jacarepaguá. Estranhou também a ausência do dirigente esportivo – e seu grande amigo – Luís Aranha [que, vale lembrar, representara o Brasil na reunião da Fifa que oficializou a sede da Copa] entre os homenageados”. CABRAL, Sérgio, op. cit., p. 268.

²⁴ N/a. Impressão de deslumbramento na inauguração do estádio da Copa do Mundo. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 17/06/1950, p. 1; N/a. Inaugurado ontem o Estádio Municipal do Rio de Janeiro. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 17/06/1950, p. 8. Cf. também MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 42-8; PERDIGÃO, Paulo, op. cit., p. 45-6; MURAD, Mauricio. *Dos pés à cabeça*: Elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 103-6.

²⁵ N/a. Brasileiro, o maior estádio do mundo. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 17/06/1950, p. 2.

²⁶ Embora tal justificativa não fosse de todo inverídica, uma vez que as relações político-esportivas entre brasileiros e argentinos nunca haviam se primado pelo respeito mútuo dentro e fora dos gramados, houve ainda um outro fator que sem dúvida pesou na decisão tomada pelos vizinhos: o temor do governo peronista de que sua equipe não desempenhasse um bom papel no certame, o que poderia repercutir negativamente sobre o regime. Esse temor se explicava pela crise institucional na qual estava mergulhado o futebol argentino no final dos anos 1940, quando conflitos entre o sindicato dos atletas profissionais, clubes e a entidade dirigente (a Asociación del Fútbol Argentino – AFA) provocaram greves e o êxodo de seus principais jogadores, dentre eles o jovem craque Di Stéfano, que foi para a Colômbia coreografar o “balé azul” do Millonarios de Bogotá. Cf. MASON, Tony, op. cit., p. 59 e 68; MURRAY, Bill, op. cit., p. 90.

Índia, Turquia e Escócia – esta porque ficou “em segundo lugar nas eliminatórias britânicas e seus dirigentes acharam que nada tinham a fazer no Rio, pois a Inglaterra, que participaria do seu primeiro mundial, fora primeiro [do grupo] e estava melhor (sic!)”.²⁷

Para ficar o mais próximo possível do número de dezesseis participantes, foram convidados então Portugal e França, que haviam sido eliminados na fase de classificação por Espanha e Iugoslávia, respectivamente. Os portugueses declinaram de imediato; os franceses, após saberem que o sorteio dos grupos para a Copa, realizado em maio de 1950, determinara que teriam de jogar sua primeira partida em Porto Alegre e a segunda em Recife, num prazo de quatro dias entre uma e outra. Tal decisão foi encarada como desrespeitosa pelos brasileiros, uma vez que desprezava os esforços feitos pela seleção durante a Copa de 1938, quando a equipe teve de cruzar, de trem e em curto espaço de tempo, longas distâncias dentro da França para disputar suas partidas. E foi a gota d’água para que a *Gazeta Esportiva* cobrasse medidas drásticas contra aqueles países que não faziam muita questão de aportar por aqui:

É fora de dúvida que, ao se encerrar o IV campeonato mundial, os responsáveis pelos destinos do futebol do Brasil devem rever a nossa política internacional da bola, colocando-a no terreno real que esta Copa do Mundo de 50 nos impõe. Futebol, como qualquer outra atividade, quer dizer relações, amizades, intercâmbio, especialmente no setor internacional. Ora, sendo o Brasil um dos primeiros países futebolísticos do mundo, é fora de dúvida que nossa política deve exigir que os favores e os sacrifícios nossos venham a ser correspondidos na mesma igualdade pelos outros. Fora disso será trabalharmos contra os nossos próprios interesses. Logo, o que vem sucedendo em relação ao campeonato mundial merece a devida atenção da C.B.D. e do C.N.D. Realidade, antes de mais nada. Amizade sincera, ou nada. Aos nossos amigos toda a nossa estima, e aos outros devemos tratá-los com a mesma moeda. Política real. Por isso, o futebol brasileiro deve organizar sua lista negra, não nos bastidores, não às escondidas, e sim abertamente, com franqueza bem brasileira, com certeza de que estamos agindo com justiça absoluta.²⁸

Novamente, falava mais alto o orgulho nacional. Afinal, “um dos primeiros países futebolísticos do mundo” não deveria ser menosprezado ao acolher, a despeito de uma série de dificuldades, a grande festa da bola, ainda mais considerando-se o fato de que, “quando o Brasil esteve presente nos três passados campeonatos, não mediu sacrifícios, não se fez de rogado, não se queixou, não se

²⁷ DUARTE, Orlando, op. cit., p. 72.

²⁸ N/a. Lista negra do futebol brasileiro. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 07/06/1950, p. 3.

indignou, nem nada. Compareceu, cumpriu seu dever e nem um obrigado exigiu de ninguém. Não é honesto que agora que o campeonato está para se realizar em nossa casa tenhamos queixas e mais queixas a ouvir...”.²⁹ Se os franceses soubessem de toda essa mágoa, certamente não teriam solicitado à Fifa a substituição de Recife por São Paulo como condição para participarem da Copa, como chegaram a fazer. Receberam, então, uma “resposta de gente com noção de dignidade”:

Lemos nos jornais do Rio que chegou à C.B.D. um telegrama da Fifa, consultando se não seria possível marcar para São Paulo o jogo que estava destinado à França em Recife, porque nesse caso os gauleses reconsiderariam a sua decisão e viriam ao Brasil para a disputa da “Copa do Mundo”. Mas a C.B.D. imediatamente respondeu com a dignidade que seria de desejar, informando à Fifa que agora não interessa mais qualquer sugestão sobre o assunto, pois a C.B.D. considera a França como desistente do Campeonato do Mundo.³⁰

Em função de todas essas atribuições e desistências, em junho de 1950, o Brasil acolheria somente doze “amigos”. Da Europa, viriam Espanha, Inglaterra, Itália, Iugoslávia, Suécia e Suíça; da América, Bolívia, Chile, Estados Unidos, México, Paraguai e Uruguai. E ainda que esse número significasse um retrocesso se comparado com as edições anteriores da competição, o mais importante era que, mesmo com três vagas em aberto, mesmo com o grande palco da festa ainda por terminar, o país superara o desafio de organizar um campeonato mundial. Agora, faltava “apenas” nossos jogadores conquistarem a Taça Jules Rimet, o novo nome do troféu *Coupe du Monde*, rebatizado em homenagem ao veterano presidente da Fifa, para que a nação triunfasse definitivamente graças a seus pés. De acordo com Arno Vogel, “chegou-se ao ponto de sugerir que o ideal seria ter um jogador de cada estado que, acrescidos do representante de um dos territórios, completariam o elenco dos vinte e dois convocados”; assim, “muito mais do que uma seleção brasileira, esta equipe seria um verdadeiro microcosmo metonímico da nação. Nenhum dos elementos da totalidade estaria excluído e ela própria seria representada pela integração complementar das suas partes constitutivas”.³¹

Apesar da proposta ser a mais perfeita expressão do desejo de promover a integração nacional em função do futebol, não é difícil perceber quão equivocada era ela, uma vez que “contrariava as realidades factuais do desenvolvimento

²⁹ N/a. Na França esquecem os sacrifícios dos brasileiros em 1938. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 06/06/1950, p. 3.

³⁰ N/a. Resposta de gente com noção de dignidade. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 13/06/1950, p. 3.

³¹ VOGEL, Arno. O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o *ethos* nacional. In: DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, p. 81.

futebolístico das diferentes regiões do país”, como ressalta o próprio Vogel.³² Realidades que sequer tinham como ser desprezadas quando, em 23 de março, três meses antes da estreia brasileira na Copa, o técnico Flávio Costa deu início à preparação da seleção, convocando 28 jogadores para uma temporada de “recuperação física” em Araxá, Minas Gerais. Como de hábito, a maioria dos chamados atuava nos grandes clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo, sendo que só o Vasco da Gama, time treinado por Flávio e conhecido então como Expresso da Vitória, cedeu dez deles. Isso não fazia, contudo, com que se perdesse o referencial mais amplo e mais importante, segundo informava o enviado especial da *Gazeta Esportiva* a Araxá:

Já dissemos em outra ocasião e repetimos agora. Todos os craques concentrados não mais se desconhecem. Estão unidos, coesos, pondo boa vontade por todos os poros do corpo. Aqui em Araxá não existe paulista, carioca, mineiro, fluminense, pernambucano, gaúcho, ou filho de outro Estado qualquer. Existem, isso sim, brasileiros! Brasileiros dispostos a elevarem bem alto o bom nome e o prestígio do futebol indígena. Isso notamos desde o primeiro dia de concentração.³³

Os atletas permaneceram na estância mineira por quase um mês, de 27 de março a 24 de abril. Durante esse período, foram comandados pelo auxiliar Vicente Feola, pois, logo após fazer a convocação, Flávio Costa viajou à Europa para cumprir “outra importante missão”: assistir a alguns jogos das eliminatórias e observar os possíveis adversários do escrete no certame mundial. Mas não eram apenas os convocados e a comissão técnica que começavam então a se mobilizar pelo êxito das cores nacionais. No Rio de Janeiro, o vereador Eduardo Bartlett James apresentou um projeto que instituiu a Taça Brasil, para ser oferecida à seleção vencedora da Copa, e um prêmio de trinta mil cruzeiros para cada um dos jogadores brasileiros se fossem eles os campeões. Em São Paulo, o vereador José de Moura previa a entrega de medalhas de ouro aos titulares, reservas e ao técnico da seleção, bem como a Taça Cidade de São Paulo à CBD, caso o título ficasse no Brasil. Confirmando-se essa “hipótese tão risonha e tão agradável”, a Prefeitura Municipal de Araxá, por sua vez, ergueria um monumento comemorativo ao grande feito.³⁴ A política, assim, também se engajava na Cruzada da Vitória:

³² Idem, *ibidem*.

³³ BELLOTTI, Aurélio. Não somos nós, é o Brasil que precisa desse título! *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 31/03/1950, p. 1.

³⁴ Cf., respectivamente, N/a. Apoio à Copa do Mundo. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 06/04/1950, p. 16; N/a. No caso do Brasil vir a ser campeão... *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 18/04/1950; BELLOTTI, Aurélio. Araxá saberá honrar os campeões do mundo. *A Gazeta Esportiva*. São

Como se vê, tudo tem sido feito, num movimento que é verdadeira “Cruzada da Vitória”, por parte dos próprios craques nacionais, que estão compenetrados de seus deveres, obedecendo às ordens emanadas de seus superiores e pondo sempre a disciplina acima de tudo. Também os próprios dirigentes estão compreendendo bem o seu papel e uniram-se para engrandecer e elevar o futebol pátrio.

Ainda os jornalistas esportivos, pelas suas colunas, fazem a necessária doutrinação com o intuito altruístico de se alcançar o objetivo desejado. Tudo tem sido feito, e por fim, até o público, este imenso público esportivo brasileiro, já está preparado, sob todas as formas, para assistir ao grande certame no qual estará em xeque o título máximo do futebol mundial. Sabe o público que o respeito ao adversário é devido, porém, nem por isto deixará de incentivar o Brasil à vitória. Assim, tudo está preparado para o Brasil lutar, e, se possível, vencer a Copa do Mundo de 1950. Mesmo porque, a par das providências tomadas e que já são do domínio público, os responsáveis pela nossa seleção estudaram e corrigiram com carinho os defeitos e falhas observados em outros tempos, e que ainda estão na lembrança de todos. Ninguém ignora que perdemos nada menos do que três campeonatos mundiais, devido a vários fatores, entre eles uns por dissensões entre nós, provenientes de fúteis rivalidades, além da própria desorganização do nosso modo de preparar as seleções futebolísticas. Foi assim em 1930, 1934 e 1938.³⁵

Não bastasse reconstruir o histórico das participações brasileiras em Copas de forma distorcida, dando a entender que éramos “favoritos” em todas elas, o articulista, ao apresentar a bela campanha realizada em 1938 como um fracasso, trai o desejo geral de que o ano de 1950 fosse um divisor de águas na história do futebol nacional, marco entre o passado de derrotas e um promissor futuro de conquistas. O glorioso terceiro lugar conquistado na França misturava-se, sem qualquer mediação, às duas desclassificações sumárias anteriores, ao mesmo tempo em que o deslumbramento ante a possibilidade cada vez mais próxima do triunfo fazia com que tudo se perdesse em um tempo indistinto. Debaixo do verniz de humildade do texto – “lutar e, se possível, vencer” – escondia-se toda a confiança em que a melhor participação do Brasil em mundiais tinha de pertencer ao porvir.

Todavia, bastou a equipe entrar em campo para que tanta segurança sofresse sérios abalos. Após o repouso em Araxá, os jogadores voltaram ao Rio de Janeiro para dar início à segunda parte do programa de treinamentos estabelecido pela comissão técnica. Dividida em duas equipes, Azul (considerada a principal) e Bran-

Paulo, 14/04/1950, p. 1. Com referência ao projeto de lei carioca, é necessário observar que Sérgio Cabral diz que seu autor foi Ari Barroso, e não Eduardo Bartlett James; no entanto, a *Gazeta Esportiva* apresenta o texto do projeto na íntegra, e nele só aparece o nome de Bartlett James. Cf. CABRAL, Sérgio, op. cit., p. 265-6.

³⁵ N/a. Perdemos, porque não houve união. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 20/04/1950, p. 5.

ca, a seleção disputaria a Copa Rio Branco com o Uruguai e a recém-instituída Taça Oswaldo Cruz contra o Paraguai. Logo em seu primeiro jogo, em 6 de maio, o quadro “A” perdeu para os uruguaios no Pacaembu por 4 a 3, resultado que foi visto como surpreendente pela imprensa esportiva, já que os “orientais” tinham se saído mal na partida contra os paraguaios pelas eliminatórias sul-americanas na semana anterior, quando foram derrotados por 3 a 2.³⁶ Tão surpreendente que nem a vitória por 2 a 0 do time “B” sobre o Paraguai no dia seguinte, em São Januário, conseguiu evitar uma sensível mudança de discurso:

Estamos a apenas 46 dias da nossa estreia no Mundial de Futebol. Pouco mais de um mês nos separa da primeira alegria ou de um desastre total. Nunca no Brasil houve um preparo tão eficiente em torno de nossa representação. Melhor dito: nunca tivemos tantos cuidados com nossa equipe. E nunca, também, nossa “chance” foi tão grande para a conquista do ambicionado título, ora em poder da Itália.

Uma vez mais, porém, faltou-nos melhor organização e uma orientação de sentido mais prático. Uma vez mais um otimismo exagerado e pernicioso cerca nossas possibilidades. Nem sequer temos nosso quadro escalado, nem sequer temos nosso “onze” em ordem e já se apregoa, alto e bom som, que o título ficará por aqui. Parece tratar-se de desmemoriados, os nossos torcedores e os nossos jogadores. Esquecem-se eles de que para aqui virão os conjuntos da Inglaterra, da Itália, da Espanha, equipes de igual poderio técnico e com amplas possibilidades de levantarem a Taça.

É interessante notar que o cronista, por ingenuidade ou conveniência, não via a imprensa como parte integrante daquele “otimismo exagerado e pernicioso” que ameaçava o desempenho da equipe brasileira. Apenas os torcedores e jogadores eram “desmemoriados”; os repórteres, não. Por isso, crítico que era, ele podia até se dar ao luxo de prestar um incrível agradecimento à seleção uruguaia, como fez na sequência:

Falta muito ainda para que nos coloquemos em forma. Falta muito ainda para que nosso “onze” se encontre em condições de jogo, em condições de enfrentar em igualdade de possibilidades os países que concorrerão. Devemos agradecer a derrota sofrida há pouco contra os uruguaios. Foi a “ducha” de água fria de que estávamos precisando... Serviu para

³⁶ N/a. Os “guaranis” impressionaram mais. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 03/05/1950, p. 3. O jogo entre Uruguai e Paraguai foi em São Januário e valeu pelas eliminatórias sul-americanas, ainda que tenha sido “apenas *pro forma*. Embora tendo perdido, o Uruguai foi classificado junto com o Paraguai, já que os outros adversários da chave, o Peru e o Equador, desistiram de participar, e o regulamento previa a classificação de dois países nesta chave”. PERDIGÃO, Paulo, op. cit., p. 47, nota 37.

que caísse a perniciosa “máscara” de que estávamos possuídos. Mais uma vez, o Uruguai prestou-nos um grande favor.³⁷

Depois da decepção inicial, o time “A” conseguiu duas vitórias sobre o Uruguai, por 3 a 2 e 1 a 0, no Rio, enquanto o “B” não passou de um empate de 3 a 3 com o Paraguai, em São Paulo. Os dois troféus em disputa ficaram com o Brasil, mas ambos os quadros da seleção continuavam a atuar mal, fazendo com que as críticas se intensificassem pelas páginas dos jornais. A torcida, de sua parte, expressou todo o seu descontentamento em apupos dirigidos aos jogadores, como aconteceu no jogo contra a seleção gaúcha, em junho, quando “todo o quadro que ‘pintava’ como o titular para os cotejos da Copa do Mundo levou vaias tremendas do público presente em São Januário”.³⁸ Ainda assim, qualquer esboço de reação, como até mesmo uma vitória sobre os aspirantes do Vasco, bastava para reacender as esperanças do país:

Hoje, no Estádio de S. Januário, à tarde, os “pupilos” de Flavio Costa demonstraram que são realmente capazes de representar o nosso futebol no magno certame do mundo. Jogando contra o quadro de aspirantes do Vasco da Gama, reforçado por vários elementos, os nossos rapazes exibiram um futebol de primeira linha, tanto no que se refere ao conjunto como no setor individual. Todos, ou quase todos, atuaram de maneira convincente, produzindo jogadas de mérito indiscutível. Foi conseguida a vitória por 8 x 1 sobre os cruzmaltinos, sendo que no primeiro tempo registrou-se o placar de 6 x 0.³⁹

Esperança, atenção, preocupação, expectativa. Tais sentimentos foram ainda mais intensos em 24 de junho, quando a nação acordou pronta para voltar olhos, ouvidos e coração para a capital federal, mais especificamente para seu estádio municipal, onde às 15 horas a seleção brasileira faria sua estreia na IV Copa do Mundo contra o México, primeiro adversário do seu grupo. No mesmo dia, a *Gazeta Esportiva* estampou em suas páginas uma charge na qual apareciam dançando um brasileiro de camisa listrada e chapéu de lado (o típico “malandro”) e um mexicano sob seu *sombrero*; abaixo deles, os versos: “na primeira contradança / o primeiro par avança / qual dos dois será mais ‘bamba’? / ‘Cebedino’ logo arrasa / dançando, à moda da casa, / bolero... em tempo de samba!”. Futebol, malandragem

³⁷ N/a. Quatro craques... Quatro destinos... *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 11/05/1950, p. 4. Parece desnecessário comentar o quanto essa última frase hoje soa amarga.

³⁸ N/a. Jair e o trio Bauer-Rui-Noronha salvaram o espetáculo. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 06/06/1950, p. 1.

³⁹ N/a. Impressionam os craques convocados. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 15/06/1950, p. 6.

e samba. Em um único quadrinho, fundiam-se os principais elementos da cultura popular que pretensamente formavam a identidade nacional brasileira.⁴⁰

No Maracanã, recebida por pombos e balões de gás, pelos acordes da Banda dos Fuzileiros Navais e sob as vistas do presidente Dutra, de Jules Rimet e de mais de 81 mil espectadores,⁴¹ o Brasil fez o que se esperava. Arrasou. Mesmo improvisado devido à contusão de Zizinho, o time não encontrou dificuldades para golear a Seleção Mexicana por 4 a 0, numa atuação que deixou satisfeitos tanto os presentes ao estádio quanto aqueles que acompanhavam a partida pelas rádios Nacional, Tupi, Panamericana e tantas outras. Quatro dias depois, contudo, de nada adiantou nosso malandro convidar a doce suíça para uma sobremesa de queijo com banana no Pacaembu, na nova charge da *Esportiva*.⁴² Cerca de 42 mil paulistas viram então uma equipe ainda mais improvisada que a da estreia sofrer com a retranca dos helvécios que, perdendo por 2 a 1, conseguiram o empate a menos de três minutos do final do jogo. Segundo Paulo Perdigão, o resultado “teve sabor de vitória para os suíços que, orgulhosos, fizeram questão de posar para fotografias depois do jogo. Os brasileiros deixaram o gramado sob vaias. Um grupo mais exaltado chegou a queimar a bandeira da CBD”.⁴³

O tropeço diante da Suíça provocou uma “onda de desânimo e pessimismo” em todo o país.⁴⁴ Não apenas pela má atuação do escrete, mas também porque ficara mais difícil alcançar a fase final da competição, pois o próximo adversário seria a Iugoslávia que vencera seus jogos contra Suíça e México e precisava somente do empate para se classificar. No dia 1º de julho, mesma data em que foi feito o recenseamento populacional do Brasil, quase 150 mil pessoas cruzaram as roletas do Maracanã para assistir à equipe decidir seu futuro no mundial. Pela ótica de *O Estado de S. Paulo*, um futuro não muito promissor, já que “favorecidos pelo empate e ainda tendo pela frente um conjunto cheio de falhas, o quadro da Iugoslávia conta grandes possibilidades de vencer a ‘chave’ encabeçada pelo Brasil”.⁴⁵

⁴⁰ N/a. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 24/06/1950, p. 3. Segundo Gisella de Araújo Moura, um personagem semelhante ocupava semanalmente as páginas do carioca *Jornal dos Sports* – o “moço do samba”. Criado pelo caricaturista Otelio três meses antes do início da Copa, “o personagem retrata traços específicos de nosso futebol, como a alegria e a malícia. Chapéu de palha na cabeça, acompanhado por um violão, ginga de malandro carioca, as características do ‘moço do samba’ são marcantes, assemelhando-se à figura do Zé Carioca”. MOURA, Gisella de Araújo, op. cit., p. 57.

⁴¹ PERDIGÃO, Paulo, op. cit., p. 52.

⁴² N/a. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 28/06/1950, p. 1

⁴³ PERDIGÃO, Paulo, op. cit., p. 53.

⁴⁴ *Anuário Esportivo Brasileiro* – 1950, apud VOGEL, Arno, op. cit., p. 83.

⁴⁵ N/a. A seleção brasileira corre o risco de ser eliminada esta tarde do IV Campeonato Mundial de Futebol. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 01/07/1950, p. 9.

Na *Gazeta Esportiva*, o malandro agora encontrava-se em um ringue, no “último round da semifinal”, tímido frente a um poderoso e mal-encarado iugoslavo com ar de superioridade. Do lado de fora, outro personagem gritava, desesperado: “Vai, Brasileiro! Estamos perdendo por pontos. Precisamos ganhar por nocaute!!!”⁴⁶

A melhor descrição do que aconteceu no Maracanã naquela tarde foi dada no dia seguinte pelo mesmo jornal que demonstrava pouco acreditar nas chances brasileiras, o *Estado de S.Paulo*:

[...] Foi uma vitória esplêndida a que conseguiu a seleção do Brasil, não pela eficiência revelada pelo conjunto e sim pelo entusiasmo com que se empregaram os seus integrantes – entusiasmo intenso que não teve sequer um instante de arrefecimento enquanto a vitória não se afigurou garantida. Em poucos minutos, esse ímpeto combativo dos brasileiros, que faltou totalmente no embate com a Suíça, a despeito do incentivo constante partido dos assistentes, colhia o seu primeiro resultado: o ponto marcado por Ademir. Daí por diante, o ardor dos jogadores locais, estimulados sempre pelos aplausos de milhares e milhares de pessoas, teve por cenário qualquer coisa de grandioso e de indescritível: as demonstrações do júbilo de cento e cinquenta mil espectadores. E quando surgiu o segundo ponto, teve-se a impressão, no majestoso Estádio do Maracanã, de um tremor de terra profundo e intenso, espetáculo realmente grandioso, que comoveu – pode-se dizer – o Brasil inteiro, pois os que não puderam presenciá-lo, sentiram-no com um misto de alegria e emoção como jamais, talvez, tenham experimentado.⁴⁷

Com essa vitória orgástica, a seleção brasileira alcançou as finais da Copa do Mundo que, pela primeira e última vez, seria disputada pelas equipes vencedoras de cada um dos grupos da primeira fase jogando umas contra as outras, sem eliminação dos perdedores. A campeã seria a seleção que somasse mais pontos ao final de suas três partidas. Os adversários do Brasil seriam, pela ordem dos confrontos, a Suécia, que eliminara Itália, considerada uma das favoritas ao título antes do início do certame, e Paraguai; a Espanha, que passara pelos norte-americanos, chilenos e ingleses (estes, a maior decepção do campeonato); e o Uruguai que, em função da desistência dos franceses, tivera como único adversário no grupo a fraca Bolívia. Detalhe nada desprezível é que a equipe jogaria somente no Rio, “em virtude das magníficas rendas que podem ser obtidas na colossal praça de esportes do Maracanã”.⁴⁸ Já as outras seleções teriam também de viajar a São Paulo, o que provocou o protesto dos espanhóis:

⁴⁶ N/a. Luta emocionante dos brasileiros. *A Gazeta Esportiva*, São Paulo, 01/07/1950, p. 1.

⁴⁷ N/a. Brio e combatividade. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 02/07/1950, p. 14.

⁴⁸ N/a. Brasil x Suécia e Uruguai x Espanha. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 04/07/1950, p. 1.

“A designação dos encontros para as finais da Taça do Mundo no Brasil foi feita sem o menor espírito esportivo”, escreve o órgão falangista *Pueblo*, comentando o protesto da Federação Espanhola junto ao Comitê da Fifa, no Brasil.

O jornal declara ainda de modo categórico que, em virtude “de conveniências de organização, os dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos estabeleceram um calendário que lhes é vantajoso”. Terminando, o *Pueblo* afirma que o fato indica que “o Brasil acaba de tomar as primeiras medidas para não perder o campeonato”.⁴⁹

Embora a *Gazeta Esportiva* chamasse a queixa espanhola de “injustificável”, perder o campeonato era algo que realmente não passava mais pela cabeça dos brasileiros. Um exemplo disso é a própria *Esportiva* que, definidas as partidas das finais, passou a circular com um quadro na margem superior direita da primeira página, bem ao lado do nome do jornal, que dizia: “Brasileiros! Avante para as finais! O título é o nosso objetivo! Não podemos perdê-lo!!!”. Ainda assim, nem o torcedor mais confiante, mais patriota, poderia imaginar que o escrete nacional fustigaria a Suécia com sete gols na primeira partida das finais, em 9 de julho. Sete! Nas palavras do jornalista francês Jean Eskenazi, testemunha ocular da demolidora vitória brasileira, “foi a mais deslumbrante exibição de futebol que já foi possível alguém assistir”. A exibição de um futebol “irresistível como o samba”.⁵⁰ Um futebol, numa palavra, *brasileiro*.

Segundo Arno Vogel, o que aconteceu a partir desse jogo foi um fenômeno “muito mais intenso, radical e irreversível do que se poderia imaginar à primeira aproximação. Time e torcida se encontraram subitamente identificados, para o melhor e para o pior. Isto é o que, na linguagem do futebol, se chama ‘vestir a camisa’”. Nesse movimento, “a parte e o todo se fundem, para enfrentar um destino comum. Quem veste a camisa de um time, ganha ou perde com ele, sem apelação”.⁵¹ No dia do jogo contra a Espanha, 13 de julho, a parte era o futebol, e o todo, a pátria:

[...] O que se pede dos brasileiros hoje, nessas circunstâncias, é amor ao Brasil. Jogar a partida de ponta a ponta com a alma voltada para cima, inspirada nos altos interesses da Pátria. O esporte, muitas vezes, tem se transformado em autênticos testes de patriotismo. Vestindo a camisa de seu país, o atleta pode demonstrar sua capacidade em defendê-lo. E isto ocorre, certamente, quando se trata de lutas no campeonato internacional. A vibração

⁴⁹ N/a. Queixa injustificável de um jornal espanhol. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 07/07/1950, p. 1.

⁵⁰ ESKENAZI, Jean. Grandioso! *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 22/07/1950, p. 22.

⁵¹ VOGEL, Arno, op. cit., p. 84.

deve ser maior. A vitória transcende ao simples prazer de vencer. Por trás do triunfo está um mundo, que é a Pátria.⁵²

Em nova exibição deslumbrante, a seleção imprimiu nova goleada: 6 a 1 sobre os espanhóis, considerados os mais fortes adversários das finais.⁵³ A Fúria não teve como resistir nem ao ímpeto demonstrado pelos brasileiros no gramado, nem à festa da torcida nas arquibancadas. Depois do quarto gol, marcado no início do segundo tempo pelo atacante Chico, todo o estádio, lotado, passou a agitar lenços brancos, enquanto fogos explodiam, balões verdes e amarelos subiam e bandeiras eram desfraldadas. Ao final da partida, mais de 150 mil vozes entoavam em uníssono o refrão da marcha *Touradas em Madri*, de Braguinha e Alberto Ribeiro, sucesso do carnaval de 1938. Conforme notam Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello, “era como se o coro dos torcedores atuasse em contraponto às jogadas dos craques brasileiros, as duas coisas se complementando num mesmo espetáculo”.⁵⁴ “Pa-ra-ra-tim bum, bum, bum / pa-ra-ra-tim bum, bum, bum”. Agora era o público que relacionava, espontaneamente, música popular e futebol, orgulhoso de ser brasileiro. Orgulhoso de ser o futuro campeão do mundo.

Nada parecia poder deter a seleção. Agora, só faltava o Uruguai, uma equipe que passara por espanhóis e suecos a duras penas, arrancando com muito suor um empate e uma vitória, respectivamente. Ainda por cima, como se não bastasse o futebol que vinha apresentando, o escrete poderia jogar pelo empate. No entanto, nem o empate, nem os uruguaios chegavam a merecer grandes considerações em meio à euforia reinante. Para a *Gazeta Esportiva* de 15 de julho, ninguém tinha mais dúvidas de que o Brasil seria campeão mundial de futebol. Nem mesmo aqueles que nos enfrentariam no dia seguinte:

⁵² N/a. Brasil! *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 13/07/1950, p. 2.

⁵³ Conforme dizia a *Gazeta Esportiva* um dia antes da partida, a Espanha era “indiscutivelmente o adversário mais cotado do Brasil. Nenhum quadro, mesmo a Iugoslávia, nos impôs tanto respeito. (...) O vencedor dificilmente perderá o campeonato, embora uma final seja sempre uma final. Mas, quem ganha a maior partida está com a chave-mestra em suas mãos”. N/a. O maior adversário. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 12/07/1950, p. 3.

⁵⁴ SEVERIANO, Jairo & HOMEM DE MELLO, Zuza. *A canção no tempo*. São Paulo: Editora 34, 1998, vol. 2, p. 170. Cf. também PERDIGÃO, Paulo, op. cit., p. 60; MOURA, Gisella de Araújo, op. cit., p. 103-4. Sobre a *Touradas em Madri* cantada pelo Maracanã, há uma história famosa, várias vezes repetida por Braguinha, ele próprio presente ao estádio: emocionado com aquele inimaginável coral, o compositor vai às lágrimas; um torcedor percebe e comenta com outro a seu lado: “olhai, o Maracanã todo cantando feliz e só esse espanhol filho-da-puta chorando!”.

[...] Os próprios adversários dos brasileiros já estão convencidos dessa grande realidade. Custaram muito a acreditar, é bem verdade, mas no final, não tiveram outra alternativa. Por tudo isso é que todos nós brasileiros e mesmo os estrangeiros não duvidamos mais de que a vitória final pertencerá ao Brasil. Amanhã, decidiremos o título máximo, com os nossos amigos uruguaios. Bastará um empate para que possamos conquistar o título máximo. Mas, não acreditamos e ninguém acredita que haverá igualdade no marcador. Pelo contrário, o otimismo de todos é um fato. E todo mundo chega a pensar que o selecionado brasileiro infringirá outra goleada, o que não constituirá surpresa alguma. A verdade é que, finalmente amanhã, haverá a consagração final com o término vitorioso das nossas cores, nessa jornada difícil que acabaram de empreender.⁵⁵

Algumas vozes, dentre as quais a do técnico Flávio Costa, bem que tentaram conter, ou relativizar, esse perigoso excesso de confiança. Efetivamente, ainda não havíamos conquistado nada e, além disso, a Celeste Olímpica merecia muito respeito. Como lembrava *O Estado de S.Paulo*, “conhecedores do futebol brasileiro através de contínuos jogos, possuidores de apreciáveis recursos técnicos e, sobretudo, dotados de grande entusiasmo, os uruguaios se afiguram sempre difíceis adversários”.⁵⁶ Mas é claro que tais alertas, por mais pertinentes que fossem, caíram no vazio.

Na manhã do domingo, 16 de julho, escolas de samba começam a se posicionar ao redor do Maracanã à espera do apito final do árbitro inglês George Reader para o carnaval da vitória. À medida que passavam as horas, “o maior do mundo” parecia cada vez menor para acolher tanta gente que ali chegava, disposta a vivenciar um momento que julgavam histórico. Pouco antes do início do prélio, o presidente Dutra, Jules Rimet, autoridades várias de todo escalão, a multidão e, claro, os atletas ouvem pelos altofalantes do estádio a saudação ufanista do prefeito Mendes de Moraes:

Vós, brasileiros, a quem eu considero os vencedores do Campeonato Mundial. Vós, jogadores, que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhões de compatriotas. Vós, que não possuís rivais em todo o hemisfério. Vós, que superais qualquer

⁵⁵ N/a. Será hasteada no mastro do estádio Municipal, a bandeira do Brasil. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 15/07/1950, p. 9.

⁵⁶ N/a. As seleções uruguaia e brasileira decidem hoje, no Estádio Municipal do Rio de Janeiro, a posse da taça “Jules Rimet”. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 16/07/1950, p. 14. Cf. também PERDIGÃO, Paulo, op. cit., p. 65-6.

outro competidor. Vós, que eu já saúdo como vencedores! [...] Cumpri minha promessa construindo este estádio. Agora, façam o seu dever, ganhando a Copa do Mundo!⁵⁷

Do fascismo que escorria das palavras do general emanava também a obrigação dos jogadores de conquistar a Copa do Mundo para provar a superioridade do povo brasileiro diante de todos os outros países. Perfilados no gramado, os onze responsáveis pelos destinos da pátria ouvem o grave discurso e, em seguida, o hino nacional, quando o público presente se transforma em um coro de milhares de vozes, o que também acontecera antes do jogo contra a Espanha, três dias antes. Emocionado, o locutor Antonio Cordeiro abre a transmissão da Rádio Nacional afirmando que “esse auditório magnífico de 180 mil pessoas voltou a dar uma demonstração patriótica, vinculada ao mesmo tempo a essa manifestação esportiva, e que, sem dúvida, ficará gravada na história do Campeonato do Mundo como um dos espetáculos mais brilhantes a que tivemos oportunidade de presenciar”.⁵⁸

O mais aguardado e, esperava-se, o mais brilhante de todos esses espetáculos estava prestes a começar. No centro do campo, mr. Reader chama os capitães das duas equipes, Augusto e Obdulio Varela, para o sorteio de cara-ou-coroa que decidiria qual delas daria o pontapé inicial. Diferentemente do que ocorrera nos outros jogos da seleção pela fase final, Augusto perdeu o *toss* e os uruguaios escolheram logo o lado do campo preferido pelos brasileiros. Um detalhe banal, mas que não deixou de ser notado pelos mais supersticiosos, como o torcedor que, evocando o corvo de Poe, lamentou: “nunca mais, nunca mais!”. Nunca mais o Brasil conseguiria ser feliz como das outras vezes.⁵⁹ Talvez pensando nesses ouvintes mais suscetíveis, César de Alencar, repórter de campo da Nacional, procurou menosprezar a má sorte dizendo que “Augusto tem ganho o *toss* todas as vezes e tem escolhido exatamente o gol contrário, mas não há de ser nada”.⁶⁰

⁵⁷ Apud PERDIGÃO, Paulo, op. cit., p. 82.

⁵⁸ RÁDIO NACIONAL. *Brasil x Uruguai*: Decisão da Copa do Mundo de 1950. Gravação da transmissão da Rádio Nacional (RJ), 16/07/1950. A transmissão da Rádio Nacional foi dividida entre os locutores Antonio Cordeiro, que narrou os lances do lado do campo à esquerda das cabines de rádio, Jorge Curi, que cobriu os lances do lado à direita, e César de Alencar como repórter de campo. Essa mesma gravação é transcrita e comentada por Paulo Perdigão em seu livro, ao qual aqui se recorreu para cotejar a audição. Cf. PERDIGÃO, Paulo, op. cit., p. 99-160.

⁵⁹ N/a. Nunca mais, nunca mais. *A Gazeta Esportiva Ilustrada*. São Paulo: A Gazeta, julho de 1950, p. 127. De acordo com Paulo Perdigão, nas partidas contra Suécia e Espanha, o Brasil escolheu o campo à direita das cabines de rádio, deixando o adversário contra o sol durante o primeiro tempo, situação que agora se inverte. PERDIGÃO, Paulo, op. cit., p. 82.

⁶⁰ RÁDIO NACIONAL. *Brasil x Uruguai*: Decisão da Copa do Mundo de 1950. Gravação da transmissão da Rádio Nacional (RJ), 16/07/1950.

A julgar pelo ritmo imposto pelos nossos atacantes, não haveria mesmo de ser nada aquela mudança de lado. Dada a saída, Ademir e Zizinho partem de modo fulminante sobre a defesa uruguaia, conquistando um escanteio com menos de um minuto de jogo. Nos cinco minutos seguintes, o escrete chega outras três vezes à meta defendida por Máspoli, para delírio das arquibancadas e de todos os brasileiros ao pé do rádio. A impressão geral é a de que uma nova goleada se desenha no placar do Maracanã. Mas, apesar de dominar todo o primeiro tempo, o Brasil não consegue vencer o bem montado esquema defensivo dos orientais. Estes, mesmo acuados, não deixavam de levar perigo quando se arriscavam à frente, como aos 38 minutos, quando Míguez assustou o público ao acertar uma bola na trave esquerda de Barbosa. Ao contrário do que se esperava, a equipe nacional não encontra a mesma facilidade observada em seus confrontos anteriores, o que leva Antonio Cordeiro a comentar que “na realidade, estamos assistindo hoje no Rio de Janeiro, no Estádio Mendes de Moraes e na finalíssima da Copa do Mundo, um verdadeiro clássico do futebol sul-americano. Joga bem a seleção brasileira, porém joga igualmente bem a seleção uruguaia”.

Pela primeira vez na Copa, o escrete não termina a primeira etapa à frente no marcador. Mas o empate, lembremo-nos, é o bastante para a conquista, e agora faltavam apenas 45 minutos para a alcançarmos concreta e definitivamente. Sabendo muito bem dessa vantagem, é bem provável que a falta de gols não preocupasse a maioria dos brasileiros, em campo ou fora dele, até aquele momento. Quanto à minoria temerosa, o início do segundo tempo faz com que ela recupere a sua confiança na equipe: logo a 1 minuto e 21 segundos, Friaça abre o placar e aumenta a vantagem do Brasil rumo ao título. A comemoração delirante da torcida produz então um som ensurdecedor que domina o Maracanã e prenuncia o carnaval preparado do lado de fora do estádio, já que aquele tento parecia garantir de uma vez por todas a Taça Jules Rimet nas mãos do capitão Augusto. Mãos que, quando segurassem o troféu, representariam não somente as dos onze jogadores, mas as de 50 milhões de brasileiros.

Dada a nova saída, os uruguaios esboçam uma reação, mas aos poucos o jogo volta a entrar no mesmo ritmo do primeiro tempo, com o Brasil fazendo valer a sua superioridade técnica. Dos dez aos dezenove minutos, a seleção envolveu totalmente o adversário, sufocando-o em seu campo defensivo e perdendo pelo menos três novas oportunidades de ampliar o marcador. Nas arquibancadas, a festa não pára nem quando o Uruguai, por volta dos vinte minutos, consegue uma falta na intermediária brasileira. Ninguém sequer podia imaginar o que aconteceria na sequência, assim narrada por Jorge Curi, na Nacional:

Vai cobrar a falta Tejera. Já chutou. Bola nas imediações da área do Brasil. Cabeceou Julio Pérez sobre Danilo. Entrou Juvenal agora. Falhou também, mas Bigode rebateu firme para o centro da cancha. Bola para Gambetta. Gambetta para Julio Pérez na direita. Avança Julio Pérez. Continua progredindo. Atraiu Danilo. Perdeu para o centromédio! Recuperou Julio Pérez, bateu Jair e entregou a Obdulio. Obdulio abriu na ponta direita para Ghiggia. A pelota chegou ao seu destino. Bigode tenta o carrinho. Falhou. Bola para Ghiggia. Centrou à boca do gol. Emendou Schiaffino... goool do Uruguai! Goool do Uruguai, Schiaffino!⁶¹

Imediatamente após o empate, o Maracanã entoou o coro “Brasil! Brasil! Brasil!” por alguns instantes, não mais que isso. Apesar do gol uruguaio não ser o suficiente para tomar o campeonato do mundo dos pés de nossos jogadores, a ruidosa celebração de quase duzentas mil almas transforma-se numa silenciosa apreensão, indicando que o triunfo nacional deixara de ser visto como uma inevitabilidade histórica ou uma força da natureza. O risco da derrota, impensável até aquele momento, passa a ser considerado como uma possibilidade real – o que, na verdade, nunca deixara de ser. No gramado, a equipe perde o domínio da partida, abalada pelo gol e pelo silêncio do estádio. Conta Paulo Perdigão que, a partir daí, “o time brasileiro desgovernou-se, por não sentir o incentivo e a segurança da torcida, mas também, no sentido inverso, a torcida perdeu a confiança no time ao vê-lo desequilibrado, nervoso, errando jogadas”.⁶² O gol de Schiaffino, assim, foi um duro golpe naquela profunda identificação entre jogadores e torcedores construída ao longo do campeonato que, agora, começava a viver seu lado escuro.

A maior e mais desagradável das surpresas daquele domingo, contudo, ainda estava por vir. Decorridos 33 minutos do segundo tempo, o Brasil tem uma falta a seu favor na altura do meio do campo. Sintonizemos uma vez mais a Rádio Nacional do Rio de Janeiro para ouvir o lance desde seu início:

Vai cobrar Juvenal a falta contra a equipe do Uruguai. Prepara-se Juvenal, ainda não cobrou. Demora-se bastante a cobrar o zagueiro, esperando que os seus companheiros se coloquem. Cobrou agora Juvenal. Direto, sobre a área. Salta Chico, não alcança a bola. Mas ficou ainda no campo contrário. Cruzou à boca da meta! Aliviou Gambetta! Vem para Bauer. Bauer aparou o couro no peito. Tentou passar por um contrário, atrasou para Jair. Jair então infiltra-se. Empurrou o couro. Defendeu Tejera. Voltou para Danilo. Danilo perdeu para Julio Pérez, que entregou imediatamente na direção de Míguez. Míguez devolveu a Julio Pérez, que está lutando contra Jair, ainda dentro do campo uruguaio. Deu para Ghi-

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² PERDIGÃO, Paulo, *op. cit.*, p. 136.

ggia. Ghiggia devolveu a Julio Pérez, que dá em profundidade ao ponteiro-direito. Corre Ghiggia! Aproxima-se do gol do Brasil e atira! Gol! Gool do Uruguai, Ghiggia! Segundo gol do Uruguai! Dois a um, ganha o Uruguai.⁶³

É pena que a entonação desesperada que Jorge Curi deu à frase “aproxima-se do gol do Brasil e atira” seja irreproduzível no texto escrito, pois ela sem dúvida sintetizaria toda a dramaticidade daquele momento em que a sombra da tragédia cobriu de vez o maior estádio do mundo. Faltando somente 11 minutos para o final da peleja, o tempo não mais corria a nosso favor, obrigando a seleção a partir para o ataque em busca de um gol que a salvasse da ruína. A pressão é terrível! A torcida grita, fogos espoucam no céu e a bola praticamente não sai do campo uruguaio, porém o nervosismo dos jogadores brasileiros impede seu sucesso contra a retranca adversária. Aos 45 minutos, o tempo regulamentar esgotado, o escrete ganha um escanteio pela direita. Sabendo que esta era a última chance para conquistar o empate, quase o time todo sobe à área do Uruguai para esperar a cobrança de Friaça. Se fosse possível, homens, mulheres e crianças também deixariam seus lugares nas arquibancadas, também viriam de todas as regiões do país e entrariam no gramado para empurrar a bola para dentro da meta de Máspoli.

Quando ela cruza a boca do gol, mr. Reader, de costas para o lance para não ver o que poderia acontecer, apita o fim do jogo. Eram 16h50min no Rio de Janeiro. Os uruguaiois, após um instante de pânico, provocado pela visão de Gambetta – o único, aparentemente, que ouviu o apito do juiz – segurando a bola com as mãos dentro da área, comemoram e abraçam-se uns aos outros. São os únicos a festejar: a desolação toma conta dos nossos jogadores, do público e do país. Não menos unidos na dor que na alegria, todos choram juntos o fracasso, num pranto nacional que expressava a frustração das esperanças alimentadas em torno da consagração do futebol brasileiro, a almejada consagração que se estenderia à nação como um todo, coroando os esforços empreendidos desde que a CBD conquistara o direito de organizar a Copa do Mundo, bem como o grande envolvimento da população com o futebol e, mais especificamente, com o escrete. O surpreendente revés só poderia mesmo fazer com que o Brasil passasse “da expectativa fremente à decepção amarga”, como *O Globo* notaria no dia seguinte em sua primeira página. No dizer do *Jornal dos Sports*,

O Estádio não se enchera para aquilo. Não fora para aquilo que se travara a batalha das cadeiras, das arquibancadas e das gerais. Não fora para aquilo que milhares de brasileiros

⁶³ RÁDIO NACIONAL. *Brasil x Uruguai*: Decisão da Copa do Mundo de 1950. Gravação da transmissão da Rádio Nacional (RJ), 16/07/1950.

tinham vindo ver o último *match* do campeonato do mundo. Todas aquelas duzentas mil pessoas haviam marcado encontro no Estádio para saudar os brasileiros como campeões do mundo. Por isso o Estádio se tornou pequeno: era o maior do mundo, mas nele não podia caber todo o Brasil. As outras cinquenta milhões de pessoas que ficaram de fora, perto e longe, no centro, no norte e no sul do Brasil.⁶⁴

A derrota da seleção foi tanto uma derrota pessoal, de cada um dos brasileiros que se mobilizaram pela equipe e nela se identificaram, quanto uma derrota social, uma vez que toda a coletividade a vivenciou como a perda de uma grande oportunidade histórica, a ponto de Roberto DaMatta sugerir que ela talvez seja a maior tragédia da história contemporânea do nosso país.⁶⁵ Tamanho impacto não passou despercebido pela imprensa da época, que em muitas matérias qualifica o resultado da partida com palavras como “catástrofe”, “desastre”, “pesadelo” e mesmo “tragédia”. Em outras, quando não nas mesmas, explicita com todas as letras a sensação de oportunidade perdida. *A Folha da Manhã*, por exemplo, diz que:

Escapou o título ao Brasil na melhor oportunidade que se poderia desejar, e o sucedido provocou a maior decepção de que se tem memória na história do futebol nacional, porque os nossos eram apontados como franco favoritos, mercê de sua campanha no certame e de suas últimas partidas, nas quais de fato tiveram excelentes atuações, patenteando claramente que dispunham de recursos de sobra para vencer o último obstáculo.⁶⁶

O onze nacional tinha a melhor equipe, apresentava o melhor futebol, podia se valer da vantagem do empate, contou com o apoio de cerca de duzentas mil pessoas no maior estádio do mundo, marcou primeiro. E ainda assim terminou derrotado. Como entender, como explicar isso? Mesmo sabendo-se que o futebol é essencialmente um jogo e, enquanto tal, sujeito ao inesperado e ao imponderável, as lamentações a respeito da nossa “falta de sorte” ou de um “destino cruel” são recorrentes entre os torcedores e se refletem nas reportagens, a ponto de um dos

⁶⁴ *Jornal dos Sports*, 18/07/1950, apud WEGUELIN, João Marcos. O Rio de Janeiro através dos jornais. <http://www.alternex.com.br/~solidario/rj.html>.

⁶⁵ DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 31.

⁶⁶ A. MENDES. Uruguai – novo campeão mundial. *Folha da Manhã*. São Paulo, 18/07/1950, p. 4. *A Gazeta Esportiva* e *O Globo* iam mais longe e afirmavam que uma oportunidade igual à que acabávamos de deixar escapar, na qual tudo, da preparação física e técnica ao estádio e à torcida, nos fora favorável, talvez só aparecesse outra vez no próximo século. Cf. N/a. Vencemos com o coração!. *A Gazeta Esportiva Ilustrada*. São Paulo: A Gazeta, julho de 1950, p. 124; N/a. Campeão o Uruguai. *O Globo*. Rio de Janeiro, 17/07/1950, p. 1.

textos da *Gazeta Esportiva Ilustrada* falar até em “vontade de Deus”.⁶⁷ Ao mesmo tempo, apontava-se o dedo para os supostos responsáveis terrenos pela nossa infelicidade: o goleiro Barbosa e o defensor Bigode, que, diretamente envolvidos nos dois lances que levaram aos gols adversários, neles teriam falhado de maneira clamorosa. Uma amostra sintética da reprovação geral à atuação de ambos é dada por *O Estado de S.Paulo*, segundo o qual “duas bolas perfeitamente defensáveis foram às redes brasileiras, enquanto o médio-esquerdo não teve recursos suficientes para se desobrigar de sua missão”, isto é, conter os ataques do uruguaio Ghiggia.⁶⁸

Os outros jogadores, bem como o técnico Flávio Costa e até a CBD, também não escaparam da caça às bruxas, embora a parcela de “culpa” atribuída a cada um deles variasse de torcedor para torcedor e de jornal para jornal. Antes dos defeitos individuais ou táticos, porém, o que as folhas destacavam era a atuação do conjunto, que, certo da vitória, entrara em campo como campeão do mundo e depois não soubera – ou não tivera forças para, ou, ainda, não suportara a responsabilidade de – reagir às dificuldades da peleja para garantir o título. Bem diferente dos uruguaios que, comandados pelo valente e guerreiro Obdulio, “souberam colocar o coração nos pés e vencer pela fibra, já que pela técnica não poderiam suplantar o poderoso adversário”.⁶⁹ Grande parte das análises sobre a partida estabelecem assim o contraste entre a “máscara” e a “raça”. Apesar do reconhecido e louvado talento da nossa equipe, sobrava-lhe presunção e menosprezo pelo oponente, enquanto a Celeste, inferior tecnicamente, transbordara bravura, garra, tradição.⁷⁰

⁶⁷ A incerteza do resultado é uma característica intrínseca de todo esporte, mas, no caso do futebol, “a inevitável imprecisão e maior lentidão do uso dos pés ampliam enormemente os papéis do acaso, do senso de oportunidade, dos deslocamentos e do sentido de conjunto”. SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desastros. *Revista USP – Dossiê Futebol*. São Paulo, 22, jun./ago. 1994, p. 35-6. Sobre a referência à “vontade de Deus”, ver N/a. Diante da catástrofe. *A Gazeta Esportiva Ilustrada*. São Paulo: A Gazeta, julho de 1950, p. 119. Por outro lado, a explicação mais simples e precisa foi dada, certamente de modo involuntário, pelo goleiro uruguaio Máspoli logo após o término da partida, como lembrou o atacante Zizinho, quase quatro décadas depois: “a única pessoa que veio falar comigo depois do jogo, ainda dentro do campo, foi Máspoli, o goleiro do Uruguai. Nem atinei que era ele, na hora. Depois é que vi uma fotografia em que ele me abraça. Parece que ele disse: ‘Isso é coisa de futebol. Um tinha de ganhar’”. MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50: Os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 116.

⁶⁸ N/a. Atuando com grande entusiasmo e espírito de luta, a representação uruguaia venceu o IV Campeonato Mundial de Futebol. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 18/07/1950, p. 9.

⁶⁹ N/a. A posse do troféu. *A Gazeta Esportiva Ilustrada*. São Paulo: A Gazeta, julho de 1950, p. 111.

⁷⁰ Conforme Leonam Pena registrou em seu pioneiro *Dicionário Popular de Futebol*, cuja primeira edição data de 1951, a “máscara” é a “designação popular da atitude convencida de um jogador que, por ter sido feliz com um ou dois jogos e elogiado pela torcida ou pela imprensa, quer dar ares de grande craque, fracassando depois”. Já “raça” designa, no futebol, o “apetite nas ações, entusiasmo na jogada, valentia”. PENA, Leonam. *Dicionário Popular de Futebol*. São Paulo:

Este tipo de crítica à seleção brasileira não era inédito nas páginas da imprensa esportiva. Em 1949, após vencermos o Campeonato Sul-Americano aqui disputado, o cronista José Brigido afirmava que se devia reconhecer o “justo valor” do nosso futebol no cenário mundial, sem incorrer em exageros otimistas ou pessimistas; além disso, alertava para o perigo de subestimar os adversários, um “hábito” dos nossos jogadores que às vezes provocava reveses inesperados. Da mesma forma, lembremo-nos de que a derrota para o próprio Uruguai na primeira partida da Taça Rio Branco, em maio de 1950, levou a imprensa a condenar, por um lado, o otimismo exagerado que cercava o escrete em sua preparação para a Copa e, por outro, a falta de empenho da equipe, que se acharia “a tal”.⁷¹ Com a perda do título mundial, a “máscara” parecia se firmar como uma característica inerente ao futebol brasileiro, o negativo do “ritmo de samba” que marcava nossa forma de jogar e que deveria, este sim, ter se consagrado ao final da competição.

Aos olhos da época, a lição do desastre era clara e ecoava por todos os periódicos. Nossos jogadores eram insuperáveis com a bola nos pés, mas não tinham o *élan* dos campeões. Num movimento inverso àquele que ocorrera até o fatídico 16 de julho, nos dias seguintes à derrota aparecem em jornais do Rio e de São Paulo artigos que criticavam, ainda que sob enfoques diferentes, a transformação de um evento meramente esportivo em um “lance decisivo de nacionalismo”, como faz o texto abaixo:

Que há responsáveis pelo nosso fracasso, isto é indiscutível, da mesma forma que existem agora os artífices do triunfo uruguaio. E entre os inúmeros pontos falhos, que acabaram por dar à nossa última e mais crucial jornada uma base flácida, inconsistente, devemos nos reportar ao aspecto psicológico. Transformamos a batalha de Maracanã num lance decisivo de nacionalismo, distraídos de que muitos dos nossos jogadores, por razões naturais e aceitáveis, não estavam em condições absolutas de arcar com tamanha responsabilidade. [...] No esporte é um mal confundir-se gols com patriotismo. O resultado poderá ser sempre obscuro, como acaba de nos acontecer, uma vez que teremos de depositar em apenas onze cidadãos todo o peso de uma responsabilidade que, numa guerra, seria distribuída entre milhões de homens. Eis um ponto para o qual devemos voltar nossas vistas carinho-

Sapientiae, 1956, p. 65 e 79, respectivamente.

⁷¹ Cf., respectivamente, BRIGIDO, José. Precisamos ganhar o campeonato mundial de 1950. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 19/05/1949, p. 14; T. M. Ademir foi o único valor indiscutível no revés dos brasileiros. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 08/05/1950, p. 8.

samente, com um pouco de tolerância saudável, a fim de que não fiquemos amargando desgraçadamente através dos sentimentos mais pungentes, uma simples derrota esportiva.⁷²

Além da tentativa de desvincular a nação do futebol, um outro esforço no sentido da relativização da derrota também desponta então na imprensa, visando a mostrar que o fato de não termos conquistado a Copa não significava a nossa ruína como povo. Ao contrário, soubéramos acolher muito bem os representantes estrangeiros, organizáramos com sucesso o campeonato – “o mais disciplinado e bem-sucedido de quantos se realizaram”, dizia a *Gazeta Esportiva* –, tínhamos levantado o maior estádio do mundo e nossa torcida dera uma nobre prova de civilidade ao aplaudir respeitosamente a vitória dos uruguaios ao final da partida. Todas estas razões levaram ninguém menos que Jules Rimet a afirmar que, a despeito dos azares do futebol, o Brasil tornara-se o campeão mundial da disciplina, do cavalheirismo e da hospitalidade.⁷³ A opinião de Rimet é corroborada pelas palavras de despedida de Americo Gil, chefe da delegação uruguaia:

Obrigado a vocês todos, brasileiros. Levamos a mais grata satisfação de nossa estada nesta terra querida. Assim como nos sentimos satisfeitos com a grande conquista, também nos sentimos admirados e contentes em saber que há um povo tão leal e distinto como o brasileiro, que, mesmo no momento do amargor, sabe se portar com dignidade, reconhecendo a vitória do seu adversário. Não temos nenhum elemento contundido, prova da lealdade com que se empregaram os brasileiros. Para com a torcida, a nossa gratidão. Levamos o Brasil nos nossos corações. Creiam, se já éramos seus admiradores, ainda nos tornamos mais amigos, depois desta festa esportiva. Até breve, Brasil.⁷⁴

Ao lado do nosso valor extracampo, o desempenho do escrete no campeonato mundial também merecia louvores dos observadores estrangeiros. Da mesma forma que os brasileiros, também eles estavam seguros de que a Taça Jules Rimet não deixaria o Rio de Janeiro, e também eles se surpreenderam com a nossa derrota na partida final. Diferentemente do que ocorreu aqui, porém, o inesperado revés frente ao Uruguai não abalou a sua profunda admiração pelo futebol nacional, cujas exibições de talento durante a Copa confirmaram-no como um

⁷² TODOS NÓS. Crítica construtiva. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 20/06/1950, p. 2. Sobre as críticas dos jornais cariocas à vinculação entre futebol e nação, veja-se MOURA, Gisella de Araújo, op. cit., p. 122-5.

⁷³ Sobre as afirmações deste parágrafo, cf. N/a. IV Campeonato Mundial de Futebol. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 19/07/1950, p. 8; N/a. Estamos na final. *A Gazeta Esportiva Ilustrada*. São Paulo: A Gazeta, julho de 1950, p. 67; N/a. Nem mentir sabem... *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 26/07/1950, p. 1; MOURA, Gisella de Araújo, op. cit., p. 126-37.

⁷⁴ N/a. Obrigado, brasileiros. *A Gazeta Esportiva Ilustrada*. São Paulo: A Gazeta, julho de 1950, p. 129.

dos melhores, senão o melhor, do mundo. Tanto não abalou que o próprio Rimet teria dito jamais ter visto um futebol “tão limpo e proveitoso”, que seria o futebol dos “verdadeiros campeões do mundo”. Outro bom exemplo dessa admiração é dado pelo jornal italiano *Il Messaggero*:

Não obstante o desfecho do torneio, a turma brasileira continua sendo para nós a formação mais brilhante que foi vista no campeonato. Seu jogo rápido e preciso, todo feito de malabarismo e acrobacias, permanecerá em nosso espírito. Antes de ver o ataque dos brasileiros, não acreditávamos que se pudesse atingir tal perfeição em futebol. É por isso que se pode dizer que o quadro do Brasil representa o que o futebol mundial pode produzir de melhor.⁷⁵

Tais demonstrações de apreço indicam que o futebol fizera com que o Brasil conseguisse o reconhecimento internacional tão desejado. Mesmo assim, aos brasileiros restou uma amarga sensação de fracasso, uma vez que o prometido na véspera não fora alcançado. Como *O Estado de S.Paulo* escreveu em sua reportagem sobre a derrota, “o golpe recebido não será curado tão cedo. É desses que deixam cicatrizes permanentes”.⁷⁶ Tinha razão: sessenta anos e cinco títulos mundiais depois, a marca deixada pelo dia 16 de julho de 1950 ainda permanece indelével no coração do *país do futebol*.

Recebido: 23/11/2009 – Aprovado: 24/05/2010

⁷⁵ N/a. Como repercutiu a vitória dos uruguaios. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 18/07/1950, p. 10. A respeito das declarações de Rimet, cf. N/a. Eles cumpriram o seu dever! *A Gazeta Esportiva*. São Paulo, 26/07/1950.

⁷⁶ N/a. Atuando com grande entusiasmo e espírito de luta, a representação uruguaia venceu o IV Campeonato Mundial de Futebol. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 18/07/1950, p. 9.